



ESHOJE



ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 16 de junho de 2026)) Ano XXV)) Nº 1321
Edição Gratuita Diário)) www.eshoje.com.br

 /eshoje  @eshoje  eshoje  eshoje

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

Como no futebol, a
diferença entre bola e
gestão é uma falta)) 2



ESPORTES

Vivelivros: sebo
celebra duas décadas de
resistência em Vitória)) 4



DIVULGAÇÃO

Aquecimento global ameaça tartarugas marinhas

O litoral do Espírito Santo garante o equilíbrio de machos e fêmeas frente à crise climática que afeta os ninhos depositados na região do nordeste)) 3

PROJETO TAMAR



MARIA INÊS VASCONCELOS

Paixão nacional x jornada normal de trabalho

A Copa do Mundo chegou e todo mundo quer saber se os dias de jogos são dias de trabalho ou dias de folga. O futebol passa ocupar o lugar da lei. Como se fosse onda, a vida vai se expandindo em torno das partidas e já não se sabe se é entusiasmo - ou se a vontade de não trabalhar também é uma forma de torcer.

É verdade, tem gente que nem vai assistir os jogos da seleção brasileira e quer faltar ao trabalho. E também tem o contrário. Seja lá o que for, há algo simples que merece ser lembrado: futebol não é e nunca foi feriado nacional. A legislação brasileira não prevê a suspensão da jornada em dias de jogos do Brasil. Também não existe imposição unilateral de compensação de jornada, banco de horas ou obrigações de alterar o ritmo de trabalho.

A grande jogada é que as empresas que quiserem podem flexibilizar horários. E aí vem um detalhe: flexibilização é uma coisa, driblar a lei é outra. Se não é feriado, é dia de trabalho. E dia de trabalho remunerado. Quem quiser fazer algo diferente que faça certo. Como no futebol, a diferença entre bola e gestão é

uma falta, está nos detalhes.

Sugiro que as empresas cumpram a lei e que não se sintam oprimidas por todos os que as incentivam fazer certa com os direitos trabalhistas. Futebol tem acréscimo. Reclamações trabalhistas também. Dia de jogo é dia de trabalho. Não é feriado nacional. Nunca foi.

Quando o Brasil quer parar oficialmente, existe uma lei para tal fim, eis que o legislador criou regras especiais para os feriados nacionais, aonde não estão incluídos os jogos de futebol, nem mesmo os de Copa do Mundo. Conclusão: no dia de jogo da copa, aplicam-se as regras normais da jornada de trabalho.

Se a empresa resolver flexibilizar e liberar o pessoal antes do jogo, sem exigir compensação, não há pagamento de extras; é uma li-

beralidade da empresa. Se por sua vez, combinar compensação, também não haverá pagamento extra apenas por causa do jogo. Mas há um detalhe importante: a compensação tem que ser feita de acordo com as regras próprias para esse intuito, respeitando limites legais e instrumentos coletivos aplicáveis. Nada de banco de hora de ocasião, nada de colocar todo mundo para trabalhar até meia noite antes dos jogos, e cuidado em transformar liberalidade em prejuízo.

O patrão pode escalar o time como quiser, mas não pode mudar as regras no meio da partida. Tudo terá que estar documentado e decidir previamente a melhor solução: se todo mundo vai trabalhar, se farão compensação ou até se vão usar home office. Todos os modelos podem ser utili-

zados, mas uma coisa é certa: a compensação não nasce da torcida, nem dos entusiasmos pelo jogo, mas sim de um instrumento jurídico válido: um acordo. Esse acordo pode ser individual e escrito ou da forma prevista na convenção coletiva de trabalho. No Direito do Trabalho nada se resolve com o grito da torcida, tudo precisa estar formalizado nos instrumentos previstos em lei.

Como todo artigo exige opinião, vão me perguntar o que eu faria, ou qual a melhor solução para as empresas nos dias de jogo? A melhor solução é a que melhor atende os interesses de ambas as partes. O caminho do meio. Ou liberação total e não se fala mais nisso, ou compensação. Uma coisa é completamente diferente da outra.

O importante é não confundir

liberalidade como liberação, porque metaforicamente, são jogos muito diferentes. A partida dura noventa minutos e uma discussão sobre horas extras dura anos. Assim, a melhor jogada é a preventiva. Se a empresa pretende flexibilizar, o ideal é planejar, comunicar e formalizar previamente. Não existe problema nenhum em organizar a rotina da empresa em torno de um evento esportivo relevante. O que não pode é fazer o improvisado. Tudo tem que ser feito antes do apito inicial.

Entre a paixão pelo futebol e a legislação trabalhista, vai ganhar quem cumprir a lei. Essa é a única tática. Improvisar é caro e quando o lance vai para a marca do pênalti, a vitória raramente pertence a quem improvisou melhor, pertence a quem se preparou melhor.

Somos diário. Seja no impresso ou no digital

Aqui você realiza, no melhor preço de mercado, a sua publicação legal.



A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim
Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcoutinho@eshoje.com.br





PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Boueri
Eduardo Aencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
Thierry Khalil
PH Caetano
Mary Martins

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

 /eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

ES vira refúgio vital para tartarugas do país

Na semana da Tartaruga Marinha, cientistas alertam para riscos na reprodução de 5 espécies

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

Quando uma tartaruga-cabeçuda apareceu para desovar em Povoação, no litoral norte do Espírito Santo, durante a última temporada reprodutiva, chamou a atenção dos pesquisadores do Projeto Tamar. O animal carregava uma marca colocada em 1988. Trinta e sete anos depois, ela havia retornado à praia para cumprir mais uma vez o ciclo de reprodução.

A história ajuda a dimensionar a longevidade e a resistência desses animais, mas também reforça a importância das áreas que garantem sua sobrevivência. Em um cenário de aquecimento global, aumento da temperatura dos oceanos e avanço das pressões humanas sobre o litoral, o Espírito Santo se tornou uma das regiões mais importantes do país para a conservação das tartarugas marinhas.

O Brasil abriga cinco das sete espécies de tartarugas marinhas existentes no mundo, e todas elas podem ser encontradas em águas capixabas: a tartaruga-cabeçuda, a tartaruga-verde, a tartaruga-de-pente, a tartaruga-oliva e a tartaruga-de-couro — considerada a maior espécie do planeta, capaz de ultrapassar 2 metros de comprimento.

Na última temporada, o Projeto Tamar registrou quase quatro mil ninhos no Espírito Santo,

um recorde histórico. Mais de 500 fêmeas foram monitoradas nas praias capixabas, além de animais acompanhados por telemetria via satélite para o estudo de deslocamentos, áreas de alimentação e comportamento. Segundo o coordenador de Pesquisa e Conservação da Fundação Projeto Tamar no ES, Alexandre dos Santos, o estado ocupa posição estratégica.

“O Espírito Santo é a principal área de desova da tartaruga-de-couro no Brasil. Estimamos que apenas de dez a vinte fêmeas desovem por ano, o que mostra o quanto essa população é vulnerável”, explica Santos.

Poluição e degradação são novos desafios

Além das transformações climáticas, as tartarugas enfrentam desafios antigos e persistentes no litoral. A captura incidental na pesca, a ocupação desordenada da orla, a poluição luminosa e o lixo plástico continuam entre as principais ameaças.

Segundo pesquisadores do Projeto Tamar, o plástico tem provocado impactos cada vez mais preocupantes. Além da ingestão por animais que confundem resíduos com alimento, as equipes já encontraram plástico enterrado em áreas de desova. “Hoje encontramos plástico até nos ninhos. Isso pode alterar a temperatura da areia e afetar o desenvolvimento dos ovos”, afirma o coordenador Alexandre dos Santos.

Para os especialistas, a conservação depende da proteção integrada do ecossistema. Restingas preservadas, dunas protegidas e praias livres de ocupação irregular ajudam a garantir condições adequadas para a reprodução, beneficiando também as cidades costeiras.

Segundo João Carlos Alciati Thomé, dunas e restingas funcionam como barreiras naturais contra a erosão e a elevação do nível do mar, fenômenos que tendem a se intensificar com a crise climática. “Proteger a tartaruga é salvar a infraestrutura natural que protege as nossas cidades”, resume o coordenador do Tamar/ICMBio.



PROJETO TAMAR

A temperatura dos oceanos pode alterar rotas migratórias, distribuição de alimentos e a reprodução

Mudança climática é ameaça

EMBORA AS ações de conservação tenham produzido resultados positivos nas últimas décadas, pesquisadores alertam que uma nova ameaça vem ganhando força: as mudanças climáticas. A oceanógrafa Priscila Monise Santana, doutora em Oceanografia Ambiental pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e especialista em conservação de tartarugas marinhas, explica que o aumento da temperatura dos oceanos pode alterar rotas migratórias, modificar a distribuição de alimentos e afetar áreas fundamentais para alimentação e reprodução.

Nas praias, os impactos podem ser ainda mais delicados. Isso porque o sexo das tartarugas não é definido geneticamente, mas pela temperatura da areia durante a incubação dos ovos. “De forma geral, areias mais quentes produzem mais fêmeas, enquanto temperaturas mais amenas favorecem o nascimento de machos. Temperaturas muito elevadas também podem reduzir o sucesso de incubação e aumen-



PROJETO TAMAR

Poluição luminosa e plástico segue como principais ameaças

tar a mortalidade dos embriões”, afirma Santana.

É justamente nesse ponto que o Espírito Santo ganha relevância nacional. De acordo com o coordenador do Centro Tamar/ICMBio, João Carlos Alciati Thomé, enquanto áreas reprodutivas do Nordeste registram ninhadas compostas quase exclusivamente por fêmeas devido às altas temperaturas, as praias

capixabas ainda mantêm um equilíbrio importante.

Monitoramentos indicam que o litoral do estado produz cerca de 53% de fêmeas e uma parcela significativa de machos, proporção considerada fundamental para a manutenção das populações no futuro. “O aquecimento sistemático das praias capixabas pode acelerar a feminização das populações de tartarugas no Brasil”, alerta Thomé.

REPRODUÇÃO DA INTERNET



“O Espírito Santo é a principal área de desova da tartaruga-de-couro no Brasil”

Alexandre dos Santos, Tamar

Vivelivros: coleção vira importante sebo no Centro

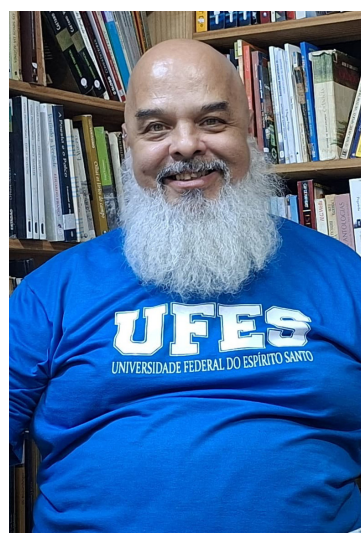
Fundado por Marcos Graminha, espaço une memória e acervo histórico na Grande Vitória

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Para quem caminha pelo Centro de Vitória, o número 49 da Rua Duque de Caxias, no trecho popularmente conhecido como Beco das Pulgas, guarda mais do que calçadas antigas. Ali, no interior de um imóvel histórico construído em 1915 e que outrora abrigou a antiga Typographia Samorini, pulsa o coração da Vivelivros. O sebo, que completou duas décadas de existência, consolidou-se como um verdadeiro templo de resistência cultural e uma referência obrigatória para leitores, pesquisadores e colecionadores de todo o Espírito Santo.

O acervo impressiona pela variedade e profundidade: são cerca de cinco mil livros, sete mil revistas em quadrinhos e mangás, além de um universo sonoro e audiovisual composto por aproximadamente 1.500 CDs, mil DVDs e 600 discos de vinil. Trata-se de um dos mais expressivos acervos do segmento em território capixaba, mantido sob o olhar atento de seu criador.

A história começou a ser escrita em outubro de 2004, longe do atual endereço. O fundador é o artista plástico paulistano Marcos Graminha, que ao se mudar para Vila Velha, enfrentando as habituais dificuldades para se estabelecer profissionalmente no mercado local, tomou



“O tempo dedicado à leitura é um tempo longe da cobrança alucinante das redes sociais”



FOTOS: DIVULGAÇÃO

O espaço de Graminha conta com cerca de cinco mil livros, além de revistas em quadrinhos, mangás, material sonoro e audiovisual

a decisão de vender parte de sua própria coleção particular de livros, discos e revistas.

A resposta do público foi imediata. A procura crescente revelou um mercado consumidor ávido e até então pouco explorado na Grande Vitória, transformando o desapego pessoal em um negócio permanente. Durante 20 anos, a Vivelivros funcionou em frente ao Terminal do Ibes, na cidade canela-verde, onde criou laços com gerações de estudantes. Em 2024, a necessidade de espaço para acomodar a expansão do acervo levou Graminha a transferir o sebo para o Centro da capital.

Muito além do comércio, o espaço funciona como um ponto de salvaguarda da memória. O local realiza trocas, vendas e recebe doações de materiais diversos, promovendo o reaproveitamento de relíquias integradas à história gráfica e musical. Formado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e atuante no projeto Lab-Pop Ufes, Graminha é um devoto da palavra: estima já ter lido mais de seis mil livros ao longo da vida. A seguir, ele compartilha os desafios e as paixões que movem o mercado de páginas impressas e raridades no Estado.

ES Hoje: A Vivelivros nasceu a partir de uma necessidade pessoal. Em que momento você percebeu que a venda de itens da sua coleção poderia se transformar em um negócio?

Marcos Graminha: Quando cheguei ao Estado, não consegui emprego, e isso foi o motivador para vender minhas coisas para manter minha família aqui. Fazia vendas através de marketplaces e muitos compradores eram capixabas que iam até minha casa retirar os produtos. Alguns passaram a sugerir a abertura de uma loja. Como não tinha capital, mas tinha material para vender, decidi arriscar a sorte e encontrei um ponto em frente ao Terminal do Ibes. E lá se foram 20 anos.

Depois de duas décadas em Vila Velha, quais fatores motivaram a mudança para o Centro de Vitória e como tem sido a experiência no chamado Beco das Pulgas?

Vários fatores motivaram a mudança. O principal era a necessidade de espaço para acomodar os livros. A loja do Ibes tinha apenas 26 metros quadrados e, com o crescimento do acervo, já estava difícil para os

“São 120 metros quadrados, onde tem a loja, meu ateliê, um espaço tanto de trabalho quanto de pesquisa”

clientes acessarem os livros. O Centro de Vitória me pareceu um lugar interessante, por ser uma região antiga e ter imóveis maiores. Dei sorte de encontrar o espaço onde estou hoje. São 120 metros quadrados, onde tenho a loja e também o meu ateliê. O espaço é tanto lugar de trabalho quanto de estudo e pesquisa. O fato de estar no Beco das Pulgas também é importante. Esse espaço nem aparece no Google Maps, mas carrega uma bagagem histórica muito bonita. O prédio é o da antiga Typographia Samorini, de 1915, com pé-direito de sete metros na área do ateliê.

Com um dos maiores acervos de quadrinhos e mangás do Espírito Santo, como você define a importância dos se-

bos para a preservação e a circulação da cultura impressa?

Vivemos em um mundo onde as telas têm total supremacia sobre as pessoas. Ler livros físicos é um ato de resistência. Em um Estado com poucas livrarias, um sebo é quase uma viagem para outra dimensão. Quem frequenta a loja compartilha essa luta por um mundo mais analógico. O tempo dedicado à leitura é um tempo longe da cobrança alucinante das redes sociais. Para além disso, ser livreiro é algo belo e solitário. Vender livros não paga minhas contas. Faço esse trabalho mais por amor do que por dinheiro, e quem me conhece percebe a paixão que tenho pelos livros.

Na sua avaliação, quais políticas públicas poderiam contribuir para fortalecer espaços como os sebos?

O Governo Federal tem planos para incentivar a leitura, mas ainda não vejo políticas voltadas para preservar os espaços de comércio de livros. Seria importante não apenas proteger esses lugares, mas oferecer condições de subsistência e incentivar a criação de novos espaços semelhantes em todos os municípios.